

Slam e educação: Gênero, raça e decolonialidade nas performances poéticas de estudantes brasileiros e franceses

Slam and education: Gender, race and decoloniality
in the poetic performances of Brazilian and French students

Slam et éducation: Genre, race et décolonialité
dans les performances poétiques d'étudiants brésiliens et français

Cynthia Agra de Brito Neves*

Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),
Campinas-SP, Brasil.

Resumo

Este artigo apresenta uma pesquisa de pós-doutorado que se aprofundou nos estudos dos letramentos, em específico, dos letramentos literários, letramentos críticos e letramentos de reexistência. O seu objetivo principal é apresentar o projeto educativo brasileiro do Coletivo da Guilhermina, que todo ano organiza e realiza o *Slam Interescolar de São Paulo*, e da Associação francesa *Le Panorama*, que há sete anos também organiza e realiza *Le Grand Slam du 77*, na comuna francesa Champagne-Sur-Seine, a 67 km de Paris. *Slams* são aqui entendidos como eventos e práticas de letramentos sociais e culturais que envolvem leitura e escrita poéticas em performance. Em se tratando de *slams* escolares, tal investigação se debruça na maneira como os/as estudantes-*slammers* de São Paulo/Brasil e de Paris/França usam a linguagem poética para ecoar uma cultura jovem, performando poemas que denunciam violências de gênero e raça a que estão historicamente sujeitos/as. Em termos metodológicos, este artigo visa analisar, sob a óptica qualitativa-interpretativista, textos poéticos encenados nos *slams* escolares paulistas/brasileiros e parisienses/franceses, em 2022 e 2024, respectivamente. Os resultados apontam para uma educação literária e libertária capaz de revelar jovens poetas que escrevem, leem e performam poesias como ato político de denúncia ao racismo e de resistência decoloniais.

Palavras-chave: *slam*, letramentos literários, pedagogia decolonial

Abstract

This paper presents post-doctoral research that delved into the study of literacies, specifically literary, critical, and literacies of re-existence. The main objective is to present the Brazilian educational project of *Coletivo da Guilhermina*, which organises and holds the *São Paulo Inter-school Slam* every year, and the French Association *Le Panorama*, which for the last seven years has also organised and held *Le Grand Slam du 77*, in the French commune of Champagne-Sur-Seine, 67 km from Paris. *Slams* are understood here as social and cultural literacy events and practices that involve reading and writing poetry in performance. In the case of school *slams*, this investigation focuses on how student-*slammers* from São Paulo/Brazil and Paris/France use poetic language to echo youth culture, performing poems that

* *Correspondência:* cynneves@unicamp.br

denounce the gender and racial violence to which they are historically subjected. In methodological terms, this article aims to analyse, from a qualitative-interpretative perspective, poetic texts staged at the São Paulo/Brazilian and Paris/French school *slams* in 2022 and 2024, respectively. The results point to a literary and libertarian education capable of revealing young poets who write, read and perform poetry as a political act of denunciation of racism and decolonial resistance.

Keywords: *slam*, literary literacies, decolonial pedagogy

Résumé

Cet article présente une recherche post-doctorale qui s’est penchée sur l’étude des littératies, en particulier les littératies littéraires, critiques et de réexistence. Son principal objectif est de présenter le projet éducatif brésilien *Coletivo da Guilhermina*, qui organise chaque année le *Slam interscolaire de São Paulo*, et l’Association française *Le Panorama*, qui organise également *Le Grand Slam du 77*, à Champagne-Sur-Seine. Les *slams* sont entendus ici comme des événements et des pratiques des littératies sociale et culturelle qui impliquent la lecture et l’écriture de poèmes en performance. Dans le cas des *slams* scolaires, cette recherche se concentre sur la manière dont les étudiants *slameurs* de São Paulo/Brésil et de Paris/France utilisent le langage poétique pour faire écho à la culture des jeunes, en interprétant des poèmes qui dénoncent la violence raciale et de genre à laquelle ils sont historiquement soumis. Sur le plan méthodologique, on analyse les textes poétiques mis en scène lors des *slams* scolaires de São Paulo/Brésil et de Paris/France en 2022 et 2024. Les résultats indiquent une éducation littéraire et libertaire capable de révéler de jeunes poètes qui écrivent, lisent et interprètent la poésie comme un acte politique de dénonciation du racisme et de résistance décoloniale.

Mots-clés: *slam*, littératies littéraires, pédagogie décoloniale

Introdução

Em 2014, Emerson Alcalde, poeta fundador do *Slam da Guilhermina* na cidade de São Paulo, foi a Paris participar da *Copa do Mundo de Slam (Grand Poetry Slam)*, representando o Brasil no mundial. Lá, o *slammer* da periferia paulista se deparou com um campeonato de poesias que engajava crianças e adolescentes, estudantes de diversas escolas francesas: era o *Slam Interescolar Nacional (Slam Interscolaire National)*, que acontecia no Teatro Belleville, em Paris, horas antes do mundial. Encantado com a euforia daqueles jovens estudantes franceses que performavam poesias autorais de cor (e *par coeur!*),¹ Emerson Alcalde teve vontade de importar a ideia para o Brasil e assim o fez no ano seguinte.

Em 2015, ele conseguiu convencer direção, professores/as e estudantes de quatro escolas da Zona Leste da capital paulista, território do Coletivo da Guilhermina, para inaugurar o que batizou de *Slam Interescolar de São Paulo*. Em 2024, o evento escolar completou 10 anos de existência e, em sua última edição, contou com cerca de 300 escolas participantes. Pode-se afirmar que, hoje, o *Slam Interescolar de São Paulo* é um evento midiático de sucesso, graças ao trabalho incansável de organização e realização do Coletivo da Guilhermina, coordenado pelo trio Emerson Alcalde, Cristina Assunção e Uiliam Chapéu.

Na esteira de Heath (1983) e Street (1995/2014), *slams* são aqui entendidos como eventos e práticas de letramentos sociais e culturais que envolvem leitura e escrita poéticas em ato performático. São campeonatos de poesia falada (*spoken word*) – também chamados de “batalhas poéticas” – que contam com uma série de regras próprias, dentre as quais os/as poetas (chamados/as de *slammers*) têm até três

¹ Segundo o dicionário *online* Linguee, “par coeur” significa “por coração”, “através do coração”, “por meio do coração”, “de acordo com o coração”, “segundo o coração”, “via coração”. A língua portuguesa importou a expressão e no Brasil usamos “de cor” ou “decorado” para nos referir a quem “sabe de cor” ou “decora” alguma coisa. Aqui o duplo sentido é bem-vindo: os/as poetas não apenas “decoram” seus versos como também os declamam “por meio do coração”, “através do coração”.

minutos para declamar sua poesia – cuja letra deve ser autoral –, valendo-se apenas do corpo e da voz em cena. Cinco jurados/as são escolhidos/as da plateia com a responsabilidade de atribuir notas (de zero a 10) à apresentação poética performada pelo/a *slammer*. As notas são contabilizadas e os/as cinco melhores colocados/as passam para a segunda fase do campeonato. Desses/as, três passam para a terceira e última fase, que vai determinar o primeiro, segundo e terceiro lugares da competição (Neves, 2017). Já as poesias-*slams* ou poemas-*slams*² são os termos aqui adotados para se referir ao gênero discursivo performado – dada sua especificidade e relativa estabilidade (Bakhtin, 1992/2003) – na cena poética (Neves, 2021).

Tais informações acerca do surgimento do *slam* em Chicago (EUA, 1984) e em São Paulo (Brasil, 2008), como também do *Slam Interescolar de São Paulo*, foram narradas pelo próprio Emerson Alcalde em dois de seus livros mais recentes: *Das Ruas para as Escolas, das Escolas para as Ruas: Slam Interescolar SP* (2021) e *Nos Corre da Poesia: Autobiografia de um Slammer* (2022). Esse primeiro ganhou o prêmio Jabuti em 2021, no Eixo Inovação de Fomento à Leitura³, e o livro, além de historicizar o campeonato paulista, apresenta fotos coloridas e depoimentos de diversos/as jovens-*slammers* que participaram do evento entre 2015 e 2019, seguidos de seus poemas transcritos. O título do livro repete o *slogan* empregado por Emerson Alcalde ou Cristina Assunção – ambos se revezam na apresentação do *Slam Interescolar de São Paulo* – ao anunciarem a performance poética no palco. A referência sugere uma travessia de mão dupla: o nascimento dos *slams* nas ruas da capital paulista e sua “invasão” nas escolas e, inversamente, estudantes que se tornaram *slammers* nas escolas e, ao saírem de lá, também “invadem” as ruas de São Paulo com suas poesias.

Interessada pela herança francesa dos *slams* escolares, segundo narrativa de Emerson Alcalde (2021, 2022), é que me propus, como pesquisa de pós-doutorado, concluído em 2023, na Universidade de São Paulo (Usp), a investigar essa relação entre *slam* e educação, contrastando⁴ o Brasil e a França em uma perspectiva etnográfica, assim como também dando continuidade, de certa forma e em certa medida, à pesquisa que desenvolvi no doutorado, quando investiguei o ensino de literatura, em específico, dos gêneros poéticos, no ensino médio do Brasil (São Paulo) e da França (Grenoble), buscando identificar a forte herança curricular francesa em nossa educação desde o Brasil Imperial (Neves, 2014). Nessa nova empreitada acadêmica, algumas questões conduziram a pesquisa pós-doutoral: que aproximações e/ou divergências podemos apontar entre os eventos de *slams* promovidos entre as escolas paulistas/brasileiras e entre as escolas parisienses/francesas? Que diferença(s) e/ou semelhança(s) estilística(s) e temática(s) pode(m) haver entre as poesias performadas pelos/as jovens estudantes de cá e de lá? Que práticas de letramentos literários (Amorim et al., 2022; Cosson & Paulino, 2009; Neves, 2021) esses eventos *interescolares* de *slam* podem revelar quando se contrasta um país colonizador como a França, do Norte global, e um país colonizado, como o Brasil, do Sul global?

Este artigo se propõe a discutir essas questões partindo da análise de três textos poéticos: dois poemas-*slam* que foram encenados por uma estudante-*slammer* paulista/brasileira e um que foi apresentado por um quarteto de estudantes-*slammers* parisienses/francesas, nos campeonatos *interescolares* de 2022 e 2024, respectivamente. As três poesias aqui selecionadas serão analisadas sob uma óptica qualitativa-

² Em inglês, *poetry slam* é o termo usado para se referir tanto ao evento poético quanto ao gênero de texto encenado.

³ Cf. <https://www.premiojabuti.com.br/jabuti/premiados-por-edicao/premiacao/?ano=2021>

⁴ Opto sempre pelo verbo “contrastar” em vez de “comparar”, pois não busco estabelecer uma relação hierárquica que implica juízos de valor, como por exemplo, “o melhor” ou “o pior” *slam*, como pressupõe o segundo verbo. A proposta aqui é apontar semelhanças e diferenças, e refletir sobre elas, colocando Brasil (Sul global) e França (Norte global) em contraste.

-interpretativista de investigação científica (Lüdke & André, 1986; Lopes, 1994), como é comum nas ciências humanas e sociais, com ênfase nas questões de gênero, raça e decolonialidade.⁵

Slam Interescolar de São Paulo: anti-homofobia e antibolsonarismo

*E ser poeta também é trabalhar com a educação
É ser troca, é ser troca, é ser troca, não doador
É estar pronto para os educadores e educandos
enquanto é um educando educador
É saber que o mundo não está para se adaptar
e sim para transformar
E não existe saber mais e sim saberes diferentes
É usar a educação poética e problematizada
para a libertação da gente.
E não se fala em educação sem falar de amor
E eu não sei se eu sou poeta, educador ou amador
Eu não sei se eu sou patrono, mas eu não nasci no trono
Eu só cerro o meu punho e sigo pleno
com meu plano de democratizar a sala de aula
Essa é pra você, Freire!*

Victor Emanuel Araújo dos Santos (poeta Nuel)
1.º lugar na Categoria Ensino Médio – Colégio Torricelli (Guarulhos-SP)

Em 17 de novembro de 2022, a convite de Emerson Alcalde, participei do *Slam Interescolar de São Paulo* como jurada da competição entre os/as estudantes dos anos finais do ensino fundamental (crianças de 11 a 14 anos). A experiência imersiva no Teatro Sérgio Cardoso, na capital paulista, tornou-me mais entusiasta deste projeto pedagógico conduzido pelo Coletivo da Guilhermina e que envolve poesias, professores/as e estudantes em prol de uma educação literária – que é também, a meu ver, uma *educação política porque poética*. Naquele ano, 200 escolas se inscreveram para participar do evento, das quais 40 chegaram à final do campeonato, sendo 20 escolas de cada categoria: de manhã, a disputa se deu entre os/as 20 estudantes dos anos finais do ensino fundamental e, à tarde, a competição foi entre os/as 20 estudantes do ensino médio (adolescentes de 15 a 17 anos). Cada estudante apresentou uma poesia inédita em cada uma das três rodadas, portanto, em tese, assistimos a, no mínimo, 40 poemas-*slams* encenados no campeonato. Além dos/as cinco jurados/as, estavam ali presentes poetas-formadores/as⁶ que participam da cena do *slam* paulista, professores/as e estudantes com suas torcidas organizadas, carregando cartazes e fazendo muito barulho, como é a praxe nesses eventos de *slams*. A cada nota abaixo de dez, o grito “*Credo!*” de reprovação. E às notas 10 ecoava a onomatopeia “*Pow, pow, pow!*”

A *slampiã*⁷ na categoria ensino fundamental foi a estudante Daiane Oliveira Duarte, da Escola Municipal

⁵ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Ciências Humanas (CEP-CHS) da Unicamp, CAAE: 82126124.9.0000.8142.

⁶ Os/As poetas-formadores/as são voluntários/as do Coletivo da Guilhermina que vão até às escolas inscritas para oferecer oficinas de *slams* aos/as estudantes e realizar as seletivas (*slams intraescolares*) que determinarão quem vai ser o/a representante daquela escola no *Slam Interescolar de São Paulo*, seja na categoria ensino fundamental, seja no médio.

⁷ *Slampião* ou *slampiã* é o apelido carinhoso atribuído aos/as poetas que vencem: um neologismo que faz referência à figura de Lampião, um herói do sertão nordestino, ícone do cangaço brasileiro dos anos 1940. Também é possível grafar “*slampeão*” e “*slampeã*”, com “e”, dessa vez para aglutinar as palavras “*slam*” e “*campeão*” ou “*campeã*”.

Hypólito José da Costa (Jardim Fontalis-SP). E na categoria ensino médio, o *slampião* foi o estudante autor dos versos da epígrafe desta seção: Victor Emanuel Araújo dos Santos, mais conhecido nas redes sociais como @nuelemic, do Colégio Torricelli, escola da rede particular de ensino situada na cidade de Guarulhos, região da periferia de São Paulo. Contudo, neste artigo, apresentarei duas poesias da estudante Lívia, representante da escola do SESI⁸ 316 Centro Educacional (Campo Limpo-SP), que se classificou em segundo lugar na categoria do ensino fundamental no *VIII Slam Interescolar de São Paulo de 2022*. Dois motivos me levaram a tal escolha: o primeiro se deve ao nível de escolaridade de Lívia, à época com 12 anos; e o segundo, às temáticas que ela aborda em suas poesias – dados esses relevantes, uma vez que a proposta deste artigo é contrastar os textos poéticos performados por estudantes brasileiros/paulistas e franceses/parisienses e tratar de questões de gênero, raça e decolonialidade nessas poesias, portanto, que sejam poetas de um mesmo nível de escolaridade, faixa etária e que abordem temas afins.

Lívia – SESI 316 Centro Educacional
2.º lugar no *Slam Interescolar de São Paulo 2022*

Poesia 1⁹

Por que dizer, quando se pode ficar calado?
Ao invés de entrar nesse papo
Pra que debater sexualidade quando podemos ficar
aqui, na amizade?
Pra que preconceito quando podemos ficar assim, desse
jeito?
Mas eu vou mandar a real: homofobia é crime!
Homofóbico bate, chuta, xinga e diz não ser normal
Mas quer saber? Eu vou lhe mandar a real:
O que não é normal mesmo é mãe mandar filho pra
rua por ser transexual
Diz ser cristão e não ama o seu irmão
Mas eu não tô aqui pra falar de religião, não!
Tô aqui para falar de assuntos que deveriam ter mais
atenção
Assuntos que deveriam ser tratados com mais garra
Minha voz é baixa, mas ela pode alcançar o alto e ser
ouvida
Por aqueles que compreendem a minha opinião
Porque assunto LGBT precisa de ter a compreensão!
Me chama de sapatão e acha que me ofende
Me chama de gay e acha que me ofende
Meu irmão, sabe o que ofende mesmo?
Saber que homofóbico tá solto por aí e não preso na
cadeia
Porque como eu já disse e repito: homofobia é crime!
Tem que tá preso vendo o sol nascer quadrado
Porque pra enquadrar homofóbico é complicado!

Poesia 2¹⁰

É de fundamental relevância, o negro é só tratado com
ignorância
É de conhecimento geral, desigualdade racial
O que sempre me impactou, ter base branca, de várias cor
Tom negro, um só, sem caô
Desigualdade racial, bagulho louco, você nunca viu igual
Acham que eu vou esquecer o que fizeram e fazem o povo
negro sofrer?
Tawane não errou quando disse “eu quero fogo, fogo nos
racista!
Pessimista, você é um egoísta!”
O cabelo *black*, agora, é motivo de polícia!
Reclamam que eu falo alto, que eu falo, que eu falo alto
Eu falo alto mesmo!
Porque mesmo que você não queira, tu tá me entendendo, tá
me compreendendo!
Choca o mundo ver que os negros “tá” morrendo?
Que deslegante ser confundido com traficante
Recebe o mérito, a farda que pratica o mal
“Ver eles” pobres, presos ou mortos já é cultural
Negro drama segura o trama
Senzala gritou, “os negro surtou” e o poema se criou
O policial chegou, os enquadrou e até deitar no chão mandou
Tiroteio começou e... mais um negro se foi...
Encobre o crime. A perícia disse que foi só desatento
Mais um crime encoberto
Assassino nesse mundo delinquente e possessivo
Mais um negro é morto por um policial completamente
“escroto”!

⁸ Serviço Social da Indústria é uma rede de educação básica do Brasil.

⁹ Vídeo público disponível em https://www.youtube.com/watch?v=tTdbxMiE_xc&t=9747s (01:46:45 a 01:47:50).

¹⁰ Vídeo público disponível em https://www.youtube.com/watch?v=tTdbxMiE_xc&t=9747s (2:13:33 a 2:15:00).

No primeiro poema, Livia inicia seus versos simulando discursos de pessoas homofóbicas que não assumem a causa LGBT e usam argumentos como: “Por que dizer, quando se pode ficar calado? / Ao invés de entrar nesse papo / Pra que debater sexualidade quando podemos ficar aqui, na amizade? / Pra que preconceito quando podemos ficar assim, desse jeito?” Em seguida, a poeta “manda a real”, ou seja, no linguajar do “papo reto” do *rap* periférico, ela afirma direta e enfaticamente que “homofobia é crime!” e denuncia violências físicas e verbais que homofóbicos praticam contra pessoas LGBT: “bate, chuta, xinga e diz não ser normal”. Para a *slammer*, “o que não é normal mesmo é mãe mandar filho pra rua por ser transexual” – atitude ainda comum em muitos lares brasileiros, sobretudo naqueles orientados por religiões fundamentalistas. Porém, assim como Livia, eu “não tô aqui para falar de religião, não!” A poeta, dona de uma “voz baixa”, escreve e declama versos para tratar de “assuntos que deveriam ter mais atenção” e “deveriam ser tratados com mais garra”, por isso, grita para que possa “ser ouvida” e ter sua opinião respeitada: “LGBT precisa de ter a compreensão!”. Acusa mais uma vez homofóbicos pelo emprego de palavras ofensivas: “Me chama de sapatão e acha que me ofende / Me chama de gay e acha que me ofende”, no entanto, o que a ofende mesmo é “saber que homofóbico tá solto por aí e não preso na cadeia” como deveria, pois, ela repete: “homofobia é crime!” e por isso o homofóbico “tem que ‘tá’ preso vendo o sol nascer quadrado”, mesmo que isso seja “complicado”.

No segundo poema, o racismo é o tema de “fundamental relevância” abordado por Livia. A poeta, que “tem base branca”, reconhece que “o negro é só tratado com ignorância” e que é “de conhecimento geral” a “desigualdade racial” em nosso país. Para ela, essa “desigualdade racial” é um “bagulho louco” que “sempre (a) impactou”: “Acham que eu vou esquecer o que fizeram e fazem o povo negro sofrer?” Livia toca na ferida colonial cujas cicatrizes estão expostas até hoje: “‘ver eles’ pobres, presos ou mortos já é cultural”; então indaga: “choca o mundo ver que os negros ‘tá’ morrendo?” A estudante “fala alto mesmo” porque ainda é preciso gritar para denunciar que “o cabelo *black* (...) é motivo de polícia!”, aquela que “recebe o mérito e a farda” para “praticar o mal” e confundir o negro “com traficante”. Não se trata de uma questão de “pessimismo”, ela justifica, tampouco de ignorância, pois todos estão “entendendo”, “compreendendo” o drama do negro, ou melhor, o “Negro drama”, da música dos Racionais MC’s.¹¹

Livia concorda com Tawane¹² quando a poeta versifica “eu quero fogo, fogo ‘nos racista!’” A vingança é permitida na poesia das duas *slammers*, assim como no refrão do *rap* “Olho de Tigre”, escrito por Djonga, em 2017, de onde Tawane buscou inspiração. O verso “fogo nos racistas”, do *rapper* Djonga, tornou-se um dos hinos da luta antirracista no Brasil contemporâneo. Na poesia-*slam* de Livia, o ato violento de queimar os racistas funciona como uma espécie de “troco” histórico, na “moeda” decolonial, contra os capitães do mato que, no passado, fizeram tantos negros/as sofrer nas senzalas: “Senzala gritou, ‘os negro surtou’ e o poema se criou”. Hoje, tais algozes são, simbolicamente, incorporados por policiais que praticam inúmeras violências contra os/as negros/as, multiplicando casos como o de George Floyd pelo mundo afora: “O

¹¹ *Racionais MC’s* é considerada a maior banda de *rap* do Brasil. Formado por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay, o grupo surgiu na cidade de São Paulo no final dos anos 1980 e faz sucesso até hoje, sobretudo o líder Mano Brown.

¹² Tawane Theodoro é “cria” do *Slam Interescolar de São Paulo*. Atualmente, é uma *slammer* famosa na cena paulistana e atua como poeta-formadora nas escolas, trabalhando junto ao Coletivo da Guilhermina.

policial chegou, os enquadrou e até deitar no chão mandou / Tiroteio começou e... mais um negro se foi... / Mais um crime encoberto / Assassino nesse mundo delinquente e possessivo / Mais um negro é morto por um policial completamente ‘escroto!’” – eis os versos-denúncia de Lívia. Afinal, o “poema se criou” para fazer justamente essa crítica à violência estrutural contra os/as negros/as.

A linguagem poética da *slammer* é informal, como a linguagem do *rap*, o que lhe permite usar gírias (“mandar a real”, “meu irmão”, “sem caô”, “bagulho louco”), cometer propositalmente erros de regência (“Ver eles”) e concordância (“fogo nos racista”, “os negro surtou”) e usar palavras de baixo calão (“sapatão”, “escroto”). E embora sua poesia seja mais discursiva, próxima a uma prosa poética, seu texto atende a uma preocupação na elaboração de rimas, que marca o ritmo do poema juntamente com a prosódia empregada por ela no ato de sua performance.

Nota-se que as duas poesias de Lívia se comprometem com os temas sociais que denunciam: a primeira discursa contra a homo/trans/LGBTfobia (“que é crime!”) e o sexismo, em defesa da identidade de gênero; a segunda tece uma crítica ao racismo estrutural que legitima o genocídio contra os/as negros/as – antes escravos/as nas senzalas, hoje “pobres, presos ou mortos” por policiais fardados/as. Vale contextualizar que desde 2017 tenho acompanhado o *Slam Interescolar de São Paulo*, até mesmo em 2020 e 2021, quando as edições foram realizadas remotamente em razão da pandemia da Covid-19. De lá para cá, os temas políticos têm tomado conta da cena poética e em 2022 não foi diferente. Era ano de eleição presidencial no Brasil e o país estava tomado pela polarização entre a extrema direita, que apoiava o (des)governo de Jair Bolsonaro, e a ala progressista, que apoiava o (ex-actual) presidente Luís Inácio Lula da Silva, o Lula. Muitos textos poéticos produzidos pelos/as estudantes para o *slam* interescolar naquele ano atacavam ideologias subjacentes à política bolsonarista: a homo/trans/LGBTfobia, a violência policial (sobretudo contra negros/as, pobres e favelados/as), a violência contra a mulher (o estupro, o feminicídio), o genocídio indígena, o negacionismo da antivacina, e tantos outros abusos e absurdos vivenciados pela sociedade brasileira naqueles tempos caóticos de pandemia e pandemônio.

As poesias performadas por Daiane Oliveira e Victor Emmanuel, anteriormente citados, não fugiram à regra, o que corrobora a minha tese de que *toda poesia é política*. Por que, então, não apostar nessas práticas de leitura e escrita poéticas, de letramentos literários, portanto, em sala de aula? *Letramentos literários* aqui desejados à maneira de Amorim et al. (2022):

Entendemos letramentos literários como movimentos contínuos, responsivos e ideológicos de apropriação do texto literário como construção de sentidos sobre os textos, sobre nós mesmos e sobre a sociedade, o que envolve: 1) a compreensão do texto literário como um tecido em construção ou texto infinito, com significados sempre em debate, abertos a questionamentos e contestações; 2) a possibilidade de construção contínua de atitudes responsivas – sempre ideologicamente guiadas – na integração com textos literários em diferentes contextos; e 3) um movimento exotópico de encontro com o outro e consigo mesmo, de alteridade, pelo estético, numa perspectiva humanizante do ser humano coisificado. (p. 96)

É nesse sentido que defendo que escrever e ler poesias em performance são práticas de letramentos literários responsivos, ideológicos e exotópicos – na esteira de Bakhtin (1992/2003) – de apropriação do texto poético, tal como posto por Amorim et al. (2022), por isso são letramentos que não poderiam estar

fora da agenda escolar. Faz-se necessário, portanto, reivindicar o lugar dos gêneros poéticos – e por extensão, dos *slams* – nos currículos da educação básica no Brasil (e por que não de outros países?). Ao menos é o que recomenda a nossa Base Nacional Comum Curricular (Ministério da Educação, 2018): conduzir a formação de nossos/as estudantes de modo a torná-los/as cidadãos/ãs, sujeitos sociais e políticos por excelência. Como se vê, a produção de textos poéticos em sala de aula e a sua performance em competições escolares de *slam* caminham nessa direção.

Tomo emprestado versos da poesia de Nuel em homenagem a Paulo Freire, na epígrafe desta seção, para concordar que: “ser poeta também é trabalhar com a educação (...) É usar a educação poética e problematizada para a libertação da gente”. A meu ver, as poesias encenadas nos palcos paulistas/brasileiros e parisienses/franceses têm esse compromisso ético e estético libertário, emancipador, como vislumbrou Freire (1968/1987), e também, transgressivo, como advogou hooks (1994/2017) ao lutar por uma educação estadunidense que abraçasse o multiculturalismo, incluindo, por exemplo, autores e autoras negras em seus currículos, antes configurados por um cânone predominantemente masculino e branco do Norte global.

Le Grand Slam du 77: educação antirracista e decolonial

*La deuxième chose que je n'aime pas dans ce monde
C'est le racisme
Le racisme est une personne qu'on juge pour sa couleur de peau
Mais moi je dirais "stop"!
Qu'on a pas besoin d'avoir honte
Que ce soit noir, blanc, métiss
On est tous fiers
Pourquoi je devrais parler de ça ?
Parce qu'il y a des gens qui se moquent souvent de la couleur de peau (...)
Quand ils rentreront chez eux
Le coeur déchiré
Ils pleureront toutes les larmes de leur corps (...)
Donc avant de juger, mettez-vous à leur place !¹³*

Oulimata

1.º lugar na Categoria Individual – *L'école élémentaire Louis Pasteur* (Varenes-sur-Seine, França)

Dia 16 de maio de 2023, fui assistir ao *Slam National Inter écoles, collèges et lycées*¹⁴, como anunciavam os/as organizadores/as da *Copa do Mundo de Slam (Grand Poetry Slam ou La Coupe du Monde de Poésie)* em suas redes sociais¹⁵ e site¹⁶. O evento escolar francês costuma ocorrer na mesma semana (de 15 a 21 de

¹³ “A segunda coisa que eu não gosto neste mundo / É o racismo / O racismo é uma pessoa ser julgada pela cor de sua pele / Mas eu diria ‘Parem!’ / A gente não precisa ter vergonha / Que seja negro, branco, mestiço / Sejamos todos orgulhosos / Por que eu deveria falar disso? / Porque existem pessoas que frequentemente zombam da cor de pele (...) / Quando voltarem para casa / O coração rasgado / Eles vão chorar todas as lágrimas de seus corpos (...) / Então, antes de julgar, coloquem-se no lugar deles!” (Tradução nossa).

¹⁴ *Slam Nacional* entre as escolas francesas, o que inclui as escolas elementares (corresponde aos anos iniciais do ensino fundamental), os colégios (corresponde aos anos finais do ensino fundamental) e os liceus (corresponde ao ensino médio).

¹⁵ Cf. <https://www.instagram.com/grandpoetryslam/>

¹⁶ Cf. <https://grandpoetryslam.com/>

maio de 2023) e no mesmo espaço de Paris (*Temple de Belleville*) que o *Slam Nacional* e a *Copa do Mundo de Slam*. No entanto, em 2023, o tal *slam interscolaire* estava esvaziado. Poucas escolas (apenas *collèges* e *écoles élémentaires*, não houve presença de *lycées*) participaram do campeonato em Paris, por essa razão, somente dois/duas professores/as estavam envolvidos com o evento. Uma foi a professora de língua francesa, Adeline Faider Loget (nome artístico Chadeline), que também é *slameuse*¹⁷ e participa da *Copa do Mundo de Slam* há anos, juntamente com seu marido, Stéphane Faider (nome artístico Lord Myke Jam Faider), que é ativista cultural, educador, cantor e *slameur*. A propósito, a família toda é *slammer*, haja vista que o filho do casal, Jaelhys Faider Loget, foi o vencedor do *Slam Interscolaire* de Paris, em 2023. A mãe, Chadeline Faider Loget, sempre participa do *Slam Nacional* francês, e o pai, Lord Myke Jam, também. Além disso, ele já participou do *World Poetry Slam Championship* (WPSC), na Festa Literária das Periferias (FLUP), no Rio de Janeiro, Brasil, em 2018.

Segundo Chadeline, o motivo da pouca adesão ao evento escolar de 2023 se deveu à pandemia, que suspendeu a realização de *slams* nas escolas em 2020, 2021 e 2022. Diferentemente do Brasil, não houve na França competição de poesias em formato remoto. Ainda naquela ocasião, a professora-*slameuse* me apresentou o projeto educativo de *L'Association Le Panorama*¹⁸ que ela coordena em parceria com seu marido. Assim como o Coletivo da Guilhermina, essa Associação organiza campeonatos de *slams* nas escolas francesas e há sete anos (de 2018 a 2024) realiza o evento poético *Le Grand Slam du 77*, na comuna francesa Champagne-Sur-Seine, a aproximadamente 67 km de Paris. A convite do casal, de 28 de maio a 1 de junho de 2024, fui para as margens do Sena conferir aquele campeonato de poesias performadas, do qual participei como jurada brasileira.

Competiram no *Grand Slam du 77* oito *écoles élémentaires* (crianças de 6 a 10 anos) e 12 *collèges* (adolescentes de 11 a 14 anos), somando um total de 20 estabelecimentos escolares. Assim, ao contrário do que presenciei em Paris no ano anterior, o evento poético organizado por Chadeline e Lord Myke Jam Faider reuniu quase uma centena de entusiastas: eram crianças, adolescentes, professores/as e familiares ocupando a plateia do *Palais des Reencontres*, todos/as eufóricos/as, com torcidas organizadas, cartazes e gritos ensaiados: para as notas abaixo de dez, entoavam em coro “*Jalousie*”, e às notas dez, “*Ouf*”¹⁹ – reações muito semelhantes ao que eu havia testemunhado no Teatro Sérgio Cardoso em São Paulo. O *slogan* do interescolar francês era: “*Crie... parle... on t’écoute!*”²⁰, sempre ecoado antes de cada performance poética. E diante de alguma desqualificação na competição, os/as apresentadores/as recitavam frases que a plateia conhecia e repetia: “*Le meilleurs poètes ne gagnent jamais!*”, “*On gagne tous à s’exprimer!*”, “*À ce jeu on gagne tous mais seul l’égô se perd dans l’enjeu!*”²¹, etc.

Assim como na cena escolar paulista, de modo geral, os/as jovens estudantes franceses/as também tematizam questões políticas e sociais contemporâneas importantes. Tanto em 2023 quanto em 2024,

¹⁷ Em francês, usam “*slameur*” e “*slameuse*” para se referir aos *slammers* no masculino e no feminino, respectivamente.

¹⁸ Cf. <https://www.lepanorama77.com/>

¹⁹ “*Jalousie*” significa “inveja”, “ciúme”; “*ouf*” é a palavra “*fou*” invertida (em “*verlan*”), que significa “louco”.

²⁰ “Grite... fale... estamos escutando!” (Tradução nossa).

²¹ “Os melhores poetas não ganham nunca!”, “Ganhamos todos ao nos exprimirmos!”, “Nesse jogo, todos nós ganhamos, apenas o ego se perde nas apostas!” (Tradução nossa).

observei que os temas abordados nas poesias dos/as estudantes parisienses/franceses tratavam de conteúdos mais generalistas, universais, algumas vezes com certo tom moralizante, mas sempre politizados, com críticas que escapavam nas brechas, em alguns versos de suas poesias-*slam*. No *Grand Slam du 77*, por exemplo, houve encenações, individuais e em grupo, de poemas que falavam da beleza do planeta, da conservação da natureza, do amor aos animais e à família, do primeiro amor adolescente, das belezas turísticas de países europeus, da poluição, das disciplinas escolares, de futebol, além da presença marcante de poesias metalinguísticas. Em algumas performances, os/as jovens-*slammers*-franceses se revelavam mais incisivos e criticavam fatos concretos do contexto francês, como o ato terrorista no Bataclan (Paris, 2015), a atual guerra na Ucrânia, o racismo no futebol mundial, entre outros temas políticos relevantes que atravessam o universo juvenil.

Faz-se relevante destacar que o tema do racismo esteve presente em muitas performances do *Grand Slam du 77*.²² Duas delas me chamaram bastante a atenção: a performance poética de Oulimata,²³ estudante negra da *école élémentaire Louis Pasteur*, na comuna francesa de *Varennes-Sur-Seine*, que ganhou o primeiro lugar na categoria individual e cujos versos constam na epígrafe desta seção; e a performance da equipe Ba Mwindu²⁴, composta por quatro mulheres negras: Ceffina, Maëva, Murielle e Keren, todas do *collège André Malraux*, na comuna francesa de *Montereau Fault Yonne*, vencedoras também do primeiro lugar, na categoria em grupo.²⁵

Para este artigo, contudo, escolho apenas o poema encenado em grupo, cujo texto compartilho a seguir juntamente com sua tradução. Tal escolha se deve à proximidade do nível de escolaridade entre as estudantes francesas da equipe Ba Mwindu (do *collège*) e a estudante brasileira Livia (também do ensino fundamental), o que me possibilita tecer uma leitura contrastando a produção poética de cada.

FIGURA 1

Performances de Oulimata e do grupo Ba Mwindu



Fonte: Fotos de arquivo da autora. Também disponíveis em <https://www.lepanorama77.com/>

²² Os vídeos públicos do *Slam Interescolar français* estão disponíveis em <https://www.youtube.com/@lepanorama9314>

²³ Versão com legenda em francês e português disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5DjBuhu7YAg>

²⁴ Versão com legenda em francês e português disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZsxpckfeEi8>

²⁵ No *Slam Interescolar de São Paulo* não há performances em grupo, a competição brasileira é apenas individual.

Poesia	Tradução
(HummmHummm) Notre couleur de peau vous dérange Vous nous tuez car on est noir Avant on faisait l'esclavage Nos ancêtres se sont battus, ils se sont débattu Nous sommes noirs, nous ne sommes pas différents Notre couleur de peau est légitime, a sa beauté Nous sommes frères de même couleur Unissons-nous soyons plus fort chaque jour car le racisme c'est une plaie que nous divise Fini le temps de l'esclavage Je suis libre et fier d'être noir Changeons le monde et abolissons le racisme comme nous avons aboli l'esclavage	(HummmHummm) Nossa cor de pele incomoda vocês Vocês nos matam porque somos negros Antes se fazia a escravidão Nossos ancestrais lutaram, eles se debateram Nós somos negros, nós não somos diferentes Nossa cor de pele é legítima, tem sua beleza Nós somos irmãos da mesma cor Vamos nos unir para sermos mais forte a cada dia pois o racismo é uma praga que nos divide Acabou o tempo da escravidão Eu sou livre e orgulhosa de ser negra Vamos todo mundo abolir o racismo como nós abolimos a escravidão
(HummmHummm) Notre couleur de peau vous dérange Vous nous tuez car on est noir Avant on faisait l'esclavage Nos ancêtres se sont battus, ils se sont débattu Je suis Rosa Parks, j'ai refusé de céder, j'ai résisté J'ai refusé de céder ma place à une femme blanche dans le bus Pourquoi l'aurais-je fait? J'étais fatiguée, je venais travailler, je voulais juste m'asseoir Je suis Ruby Bridges, je me suis battu pour mon avenir et J'ai été accepté dans une école de blancs Mais vous, les blancs, vous m'avez mal accueilli Pourquoi devrais-je me cacher parce que vous me trouvez trop sombre? Je suis Martin Luther King, je me suis battu pour vous mes frères de couleur Vous avez été persécuté par des hommes blancs Et je l'ai dévoilé à la face du monde comme moi prenez la plume et les micros et défendez de votre droits Je suis Nelson Mandela, depuis ma cellule, je me suis battu pour le monde de demain et qui construisent L'Afrique du Sud est notre pays et j'ai aimé diriger ce pays à vous coté	(HummmHummm) Nossa cor de pele incomoda vocês Vocês nos matam porque somos negros Antes se fazia a escravidão Nossos ancestrais lutaram, eles se debateram Eu sou Rosa Parks, eu recusei ceder, eu resisti Eu recusei ceder meu lugar a uma mulher branca num ônibus Por que eu deveria fazê-lo? Eu estava cansada, vinha do trabalho, eu só queria me sentar Eu sou Ruby Bridges, eu lutei para o meu futuro e Eu fui aceita em uma escola de brancos Mas vocês, os brancos, me receberam muito mal Por que eu deveria me esconder porque você acha que eu sou muito escuro? Eu sou Martin Luther King, eu lutei por meus irmãos de cor Você foi perseguido por homens brancos E joguei isso na cara de todo mundo assim como eu pegue uma pena e os microfones e defenda seus direitos Eu sou Nelson Mandela, de minha cela, lutei pelo mundo de amanhã e que construíram A África do Sul é nosso país e eu amo dirigir esse país ao seu lado
(HummHummm) Notre couleur de peau vous dérange Vous nous tuez car on est noir Avant on faisait l'esclavage Nos ancêtres se sont battus, ils se sont débattu Rosa Parks, elle faut vivre sa vie en espérant d'en faire un modèle pour les autres Ruby Bridges, nos enfants changeront le monde Martin Luther King, j'ai eu à rêve	(HummHummm) Nossa cor de pele incomoda vocês Vocês nos matam porque somos negros Antes se fazia a escravidão Nossos ancestrais lutaram, eles se debateram Rosa Parks, ela precisou viver sua vida na esperança de ser um modelo para os outros Ruby Bridges, nossas crianças mudarão o mundo Martin Luther King, eu tive um sonho

Le seulement des là il est si facile de briser et de détruire
Les héros sont ceux qui font la paix et qui la construisent
(HummmHummm)
Notre couleur de peau vous dérange
Vous nous tuez car on est noir
Avant on faisait l'esclavage
Nos ancêtres se sont battus, ils se sont débattus

A única coisa que é tão fácil de quebrar e de destruir
Os heróis são aqueles que fazem a paz e que constroem
(HummmHummm)
Nossa cor de pele incomoda vocês
Vocês nos matam porque somos negros
Antes se fazia a escravidão
Nossos ancestrais lutaram, eles se debateram

Nota: Tradução de Marie-Lou Lery-Lachaume.

A performance das quatro poetisas da equipe Ba Mwindu é imperdível. Bem ensaiadas e em sintonia, entram no palco marchando e entoando “HummmHummm” em um *sample* da música *Stand Up*, da artista negra Cynthia Erivo.²⁶ Em seguida, param enfileiradas uma ao lado da outra e, com o punho cerrado e levemente erguido, gesto simbólico de resistência ao racismo, iniciam a declamação que lembra muito os jograis dos tempos de escola. O poema se inicia com o refrão: “Nossa cor de pele incomoda vocês / Vocês nos matam porque somos negros / Antes se fazia a escravidão / Nossos ancestrais lutaram, eles se debateram”. Assim como no poema da estudante brasileira Lívia, mais uma vez passado e presente se enfrentam para colocar em xeque a “colonialidade de poder” (Quijano, 2005), porém, os algozes não são aqui explicitamente nomeados. Os versos acusam “vocês” de se sentirem incomodados/as com os/as negros/as, por isso “vocês” os/as matam; em seguida, emplacam os versos: “antes se fazia a escravidão”, com uso do verbo impessoal, e nessa escravidão que havia, seus/suas “ancestrais lutaram, eles se debateram”, ou seja, houve luta (corporal), houve resistência à violência historicamente sofrida pelos/as negros/as.

Após o refrão, as poetisas versificam: “nós somos negros”, mas “não somos diferentes”; “somos irmãs da mesma cor”, que “é legítima, (e) tem sua beleza”, por isso, propõem: “vamos nos unir para sermos mais forte a cada dia”. Nota-se uma certa complacência no ato de dizer que as pessoas negras *não* são diferentes, que todas *são irmãs* da mesma cor, e que *a união faz a força*, logo, “vamos todo mundo abolir o racismo / como nós abolimos a escravidão”. Contudo, tal diplomacia é logo desfeita quando as *slameuses* reconhecem que “o racismo é uma praga que nos divide” e que “acabou o tempo da escravidão”, protestam elas em versos e com o corpo em performance.

Na sequência, personalidades negras que foram vítimas do racismo ao longo da história ocidental (Rosa Parks, Ruby Bridges, Martin Luther King e Nelson Mandela) são *in-corporadas* pelas poetisas e a luta e a resistência desses heróis e heroínas são celebradas em: “Eu sou Rosa Parks (...) / Eu recusei ceder meu lugar a uma mulher branca num ônibus (...) / Eu sou Ruby Bridges (...) / Eu fui aceita em uma escola de brancos / Mas vocês, os brancos, me receberam muito mal (...) / Eu sou Martin Luther King, eu lutei por meus irmãos de cor / Você foi perseguido por homens brancos (...) / Eu sou Nelson Mandela, de minha cela, lutei pelo mundo de amanhã e que construíram”. Aqui, finalmente, o “vocês” vestem as “máscaras brancas”, para usar a expressão de Fanon (1952/2020). A mulher do ônibus que acusou Rosa Parks era branca, a escola que destratou Ruby Bridges era de brancos/as, Martin Luther King foi perseguido por pessoas brancas e,

²⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sn19xvfoXvk>. A música foi trilha sonora do filme *Harriet* (2019), em que a cantora supracitada foi também a protagonista.

como sabemos, Nelson Mandela foi preso por lutar contra o regime de segregação, o *apartheid*, sustentado pela branquitude política da África do Sul no pós-guerra (1948–1994).

Após mais uma rodada do refrão, as poetas encerram seu texto vislumbrando um futuro bastante otimista, apostando, assim como Rosa Parks, na esperança; assim como Ruby Bridges, que “nossas crianças mudarão o mundo”; assim como Martin Luther King, no “sonho” de seu discurso de 1963: “de um dia as crianças não serem mais julgadas pela cor de suas peles e que meninos negros e meninas negras possam unir suas mãos a meninos brancos e meninas brancas como irmãs e irmãos”; pois, concluem, “Os heróis são aqueles que fazem a paz e que a constroem”.

Nota-se, assim, um *grand final* apaziguador, bem diferente do tom “justiceiro” da *slammer* brasileira que propõe atear “fogo nos racistas” e advoga pelos “homofóbicos na cadeia”. As poetas de Ba Mwindu tratam o racismo de modo “global(izado)”, “universal”, o que nos remete à explicação de Coelho et al. (2022): trata-se de um “universalismo” que muitas vezes atende a objetivos e valores de uma cidadania global que se coloca aparentemente como abrangente ou neutra, seguindo um discurso em prol de uma “educação para cidadania global”, porém, orientado por uma ideologia neoliberal – critica Andreotti (2016). No contexto da América Latina, Walsh (2009) denomina essa política de “multiculturalismo neoliberal” e de “interculturalidade funcional”, que reconhece a diversidade cultural e étnica, mas continua atendendo aos dispositivos de poder e mantendo as estruturas sociais racializadas estabelecidas pela sua matriz colonial.

Tal discurso neoliberal é mais comum aos países do Norte global, embora se encontre vestígios dele também em países colonializados do Sul global. Interessante notar que as poetas francesas não apontam explicitamente os algozes “locais” – o que, aliás, não falta na França colonialista e xenófoba de Marine Le Pen²⁷. E, apesar de o texto poético performado por elas configurar, notadamente, um *manifesto antirracista*, de modo geral, as apresentações poéticas encenadas no *Le Grand Slam du 77* pareceram-me mais “escolarizadas”, no sentido de mais “disciplinadas”, o que, certamente, impede o discurso mais inflamado, mais acusatório por parte das *slameuses* negras, descendentes de imigrantes africanos que vivem na França colonialista.

De fato, Chadeline e Lord Myke Jam Faider contextualizaram que, embora as poesias e as performances sejam escritas e ensaiadas em ambiente não-escolar, o casal organizador do *Grand Slam du 77* tem o cuidado de ler todos os textos poéticos e corrigir a produção escrita, bem como orientam as performances dos/das estudantes, realizam ensaios, treinando-os/as para o evento poético final. Talvez por isso a linguagem poética de Livia soe mais agressiva e afiada – como costumam ser as letras de *rap* – que a linguagem das poetas do grupo Ba Mwindu, que estavam mais tímidas no jogral performado em relação à atuação da brasileira em cena.

Em São Paulo, esse controle, ou acompanhamento mais sistematizado, não é feito pelo Coletivo da Guilhermina nem pelos/as poetas-formadores/as, responsáveis por se deslocarem até as escolas participantes do Interescolar paulista. Nas escolas, os/as poetas-formadores/as oferecem oficinas de poesias e organizam campeonatos interclasses de *slams*, que funcionam como seletivas para o *Slam Interecolar de São Paulo*, mas

²⁷ Marine Le Pen é uma figura política bastante conhecida na França. É membro do partido *Rassemblement National* (RN), partido de extrema-direita que defende medidas anti-imigração, nacionalistas e protecionistas, ou seja, de xenofobia evidente.

tal formação se restringe a um ou dois dias de visita à escola. Não há um trabalho que inclua a revisão dos textos poéticos produzidos pelos estudantes ou o ensaio das performances. Essa tarefa fica a cargo do/a professor/a, que pode ou não realizá-la, com mais ou menos afinco.

Apesar de a tônica das francesas ter sido mais polida – uma poesia encomiástica aos heróis negros da história ocidental – o texto, escrito colaborativamente pela equipe campeã, é irretocável em termos de linguagem poética. O refrão auxilia a marcar o ritmo do poema e imprime nele uma prosódia capaz de nos embalar, sobretudo o jogo sonoro dos versos: “*Nos ancêtres se sont battus, ils se sont débattu*”, cuja tradução aqui feita para o português não conseguiu recuperar, assim como as rimas se perderam no ato tradutório.

Vale ainda destacar a simetria na performance das *slameuses*, seja nos gestos com as mãos, nas vozes em coral, nos passos da marcha cronometrada que foi empaticamente acompanhada pelas palmas da plateia presente. No palco, quatro mulheres negras em cena, rompendo a invisibilidade dos corpos negros aos olhos da Europa-Moderna-Colonial-branca-heteronormativa, que sempre explorou, dominou, subjuguou e explorou essas pessoas historicamente subalternizadas (Duboc & L. Souza, 2021). Concordo com Bock et al. (2019) que está mais que na hora de “trazer o corpo de volta a nossas práticas pedagógicas”, sobretudo os corpos de pessoas negras, indígenas, (i)migrantes, homo/trans/LGBTQIAPN+, enfim, pessoas que tiveram suas existências negadas e silenciadas ao longo da história. Nas palavras dos autores:

We have to bring the body back into this. How do we do this? By something very simple, a term we use in decolonial theory: *the locus of enunciation*, the space from which we speak. When we bring into account the space from which we speak, then we bring into account something which has been eliminated in academic discourse, which is the body. To speak from a space means you are speaking from a body located in space and time. When a body is located in space and time, a body has memory, a body has experience, a body has been exposed to history and the various conflicts of history. History has multiplicity, contradictions, etc. Bringing back the body into our pedagogies has come through in this project, not only in re-imagining but also in the use of creativity²⁸. (pp. 10–11)

Ainda de acordo com Duboc e Menezes de Souza (2021), a noção de “*bringing the body back*” implica dar voz (“*locus de enunciação*”), corpo e espaço aos/as que foram historicamente marginalizados/as ou ignorados/as; trata-se, portanto, de um ato decolonial no sentido que promove a re-existência, a resistência e o ressurgimento desses corpos subjugados pela história moderna/colonial. Os *slams* escolares promovidos pelo Coletivo da Guilhermina em São Paulo-Brasil e pela Associação *Le Panorama* em Paris-França têm atuado nessa direção, como procurei mostrar ao longo deste artigo por meio da leitura das poesias performadas por Livia e pela equipe Ba Mwindu composta pelas poetisas: Ceffina, Maëva, Murielle e Keren.

Igualmente interessante de destacar é o fato de um *projeto educativo* que aproxima *slam* e escola ter partido de dois espaços não-formais de ensino, tanto cá quanto lá. Encorajar jovens estudantes a escrever poesias, a se dizer subjetivamente por meio de versos, a tecer críticas sociais e políticas, e, além disso, a

²⁸ Nós temos que trazer o corpo de volta para isso. Como podemos fazê-lo? Por meio de algo muito simples, um termo que usamos na teoria decolonial: o *locus da enunciação*, o espaço a partir do qual falamos. Quando levamos em conta o espaço a partir do qual falamos, levamos em conta algo que foi eliminado do discurso acadêmico, que é o corpo. Falar a partir de um espaço significa que você está falando a partir de um corpo localizado no espaço e no tempo. Quando um corpo está localizado no espaço e no tempo, um corpo tem memória, um corpo tem experiência, um corpo foi exposto à história e aos vários conflitos da história. A história tem multiplicidade, contradições, etc. Trazer de volta o corpo para nossas pedagogias foi o que aconteceu neste projeto, não apenas na reimaginação, mas também no uso da criatividade (Tradução nossa).

encenar seus textos poéticos para um público amplo, não deveria ser, a meu ver, algo apartado dos espaços formais de ensino. No Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (Ministério da Educação, 2018) propõe o trabalho com *slams* nas escolas, mas a recomendação vem junto a uma lista de outros eventos de letramentos, como rodas de leitura, clubes de leitura, contação de histórias, leituras dramáticas, apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, dentre outros. Na França, há documentos pedagógicos oficiais que recomendam “*slam-à-l’école*” (*slam* na escola), mas, segundo Chadeline, tais práticas de leitura, escrita e performance poéticas não são levadas adiante por muitos/as professores/as. Ela, ao contrário, é uma professora de língua francesa que se envolve com os *slams* de corpo e alma, confessou-me informalmente.

Reitero, portanto, a conclusão a que cheguei ao final da pesquisa de doutorado (Neves, 2014): não há espaço para as poesias na escola, que tem se moldado cada vez mais em função de avaliações em larga escala, seja para atender o *Baccalauréat* (“*le bac*”) na França, seja o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no Brasil. Advogo no sentido de reivindicar esse lugar dos gêneros literários e poéticos nos currículos formais e de encorajar projetos filantrópicos como o do Coletivo da Guilhermina e da Associação *Le Panorama*, cuja proposta educacional poderia ser (por que não?) desenvolvida conjuntamente. Um primeiro passo foi dado em 2024, quando o Coletivo da Guilhermina foi contemplado com financiamento do governo federal via Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação (MEC). Tal iniciativa é importante, pois institucionaliza o projeto e o reconhece publicamente.

Palavras finais

Écrire pour exister! Écrire pour résister!

A epígrafe acima repete os dizeres de um dos cartazes espalhados pelo *Palais des Rencontres* durante a semana poética do *Grand Slam du 77* na França. A leitura e a escrita poéticas como práticas de *letramentos de reexistência* (Souza, 2011) também têm sido mote nos *slams* do Brasil e, de fato, faz jus aos objetivos que alimentam os projetos educativos não-formais supracitados. Tanto cá quanto lá, os eventos de *slams* promovem encontros intersubjetivos em que é possível enxergar, escutar, aplaudir modos “outros” de ser, estar, pensar, viver, lutar, questionar, resistir, sofrer, sonhar... Existências “outras”, portanto, que se fazem presentes nos escritos poéticos lidos e performados: escrever para existir, escrever para resistir, como nos versos da epígrafe.

Esses “outros” que vivem à margem e que são comumente violentados, explorados, controlados e subalternizados pela lógica ocidental da modernidade/colonialidade sustentada pelo Norte global estadunidense e/ou europeu, cuja dominação se sustenta no plano econômico, linguístico, cultural, midiático, sexual, racial, e, sobretudo, epistemológico – a base sobre a qual operam todos os outros modos de opressão. Ao conceder àqueles/as jovens poetas tempo e espaço para soltarem suas vozes e corpos, para performarem poética e criticamente a leitura que fazem do mundo que os cerca, estamos também, acredito,

educando-os/as para a prática da liberdade (Freire, 1968/1987; hooks, 1994/2017), para uma “interculturalidade crítica” em exercício de uma “pedagogia decolonial” (Walsh, 2009) que procura romper essa lógica opressora da matriz moderna/colonial de poder (Mignolo, 2017a).

Vale dizer que a perspectiva decolonial aqui adotada se apoia em intelectuais majoritariamente latino-americanos, tais como: Catherine Walsh, Aníbal Quijano, Walter Mignolo, Nelson Maldonado-Torres, entre outros, que, a despeito de pontuais divergências teóricas entre eles/as, são autores/as que assumem uma postura político-epistemológica atravessada por saberes de movimentos populares e lutas sociais, e têm como objetivo comum a ruptura das estruturas de poder colonial em busca da justiça social, econômica e, principalmente, epistemológica, a partir da valorização de conhecimentos outros, identidades e subjetividades outras, que foram historicamente subjugados e silenciados pela lógica colonial de controle e de opressão (Mignolo, 2017b; Oliveira & Candau, 2010).

É preciso, portanto, decolonizar pensamentos, teorias e epistemes, assim como currículos e práticas pedagógicas que subjazem à educação ocidental contemporânea. Ao conceder aos/às jovens-estudantes-*slammers* o palco para a performance poética e os ouvidos para a escuta atenta dos seus versos declamados, estamos dando vez e voz a sujeitos que produzem conhecimentos “outros”, saberes “outros” sobre o mundo, e é assim que, por meio de suas poesias-*slam*, eles/as validam suas identidades e subjetividades, subalternizadas e excluídas: usam a linguagem poética para ecoar uma cultura jovem, performando poemas que denunciam violências de gênero e raça a que estão sujeitos/as, no passado e ainda no presente.

Evidenciamos isso com a estudante brasileira Lívia, cujos poemas protestam contra a homo/trans/LGBTQIAPN+fobia, a violência policial e o racismo estrutural. Seus versos antirracistas atravessam o Atlântico e reverberam nos versos da pequena Oulimata e no poema-manifesto de Ceffina, Maëva, Murielle e Keren. A equipe francesa, por sua vez, relembra as violências históricas da escravidão reavivadas nas figuras de Rosa Parks e Ruby Bridges, e na luta de Martin Luter King e Nelson Mandela.

Nota-se, portanto, que a proposta pedagógica do Coletivo da Guilhermina, em São Paulo-Brasil, e da Associação *Le Panorama*, em Champagne-Sur-Seine-França, configura uma *educação decolonial e antirracista* no sentido de que foge aos domínios coloniais e imperialistas, e favorece conteúdos e métodos educativos mais plurais na prática pedagógica escolar, abraçando a diversidade de culturas e saberes, sobretudo, culturas e saberes subalternizados (hooks, 1994/2017; Mignolo, 2017b). Logo, ao defendermos eventos e práticas de *slams* nas escolas, seja no Brasil, seja na França, estamos valorizando essa manifestação cultural marginalizada, oriunda da periferia ocidental, e ainda, promovendo reflexão sobre os aspectos coloniais dessa marginalização, operando assim na chave de uma educação decolonial.

É por tudo isso que sou entusiasta do dístico “*slam* e educação”, título deste artigo, uma vez que encorajo tal travessia transgressiva de poetas-*slammers* “das ruas para as escolas, das escolas para as ruas” (para retomar o *slogan* do *Slam Interescolar de São Paulo*); ou “do rio Sena para as escolas, das escolas para o rio Sena” (para fazer referência e reverência às *slameuses* francesas campeãs do *Le Grand Slam du 77*). Afinal, *poetizar* se configura também como um *ato decolonial*.

Agradecimentos: Coletivo da Guilhermina, Chadeline Faider Loget e Walkyria Monte Mor.

Financiamento: CNPq – bolsa Pós-Doc. Jr.

Referências bibliográficas

- Alcalde, Emerson (2021). De Belleville ao Romano: O Slam da Guilhermina vai às escolas. In Cristina Assunção, Emerson Alcalde, & Uiliam Chapéu (Eds.), *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam Interescolar SP* (pp. 14–17). LiteraRUA.
- Alcalde, Emerson (2022). *Nos corre da poesia: Autobiografia de um slammer*. Selin Trovoar.
- Amorim, Marcel A., Domingues, Diego, Klayn, Débora V., & Silva, Tiago C. (2022). *Literatura na escola*. Contexto.
- Andreotti, Vanessa (2016). Global education and social change: The imperative to engage with different discourses. In H. Hartmeyer & L. Wegimont (Eds.), *Global education in Europe revisited: Strategies and structures policy, practice and challenges* (pp. 199–203). Waxmann.
- Bakhtin, Michael (2003). Os gêneros do discurso. In Michael Bakhtin, *Estética da criação verbal* (Paulo Bezerra, Trad., pp. 261–306). Martins Fontes. (Original publicado em 1992)
- Bock, Zannie, Stroud, Christopher, & Souza, Lynn Menezes (2019). Decolonial pedagogies, multilingualism and literacies. *Multilingual Margins*, 6(1), 9–13.
<https://www.epubs.ac.za/index.php/mm/article/view/1366>
- Coelho, Dalila P., & Caramelo, João, & Menezes, Isabel (2022). Global citizenship and the global citizen/consumer: Perspectives from practitioners in development NGOs in Portugal. *Education, Citizenship and Social Justice*, 17(2), 155–170. <https://doi.org/10.1177/1746197921999639>
- Cosson, Rildo, & Paulino, Graça (2009). Letramento literário: Para viver a literatura dentro e fora da escola. In Regina Zilberman & Tânia Rosing (Eds.), *Escola e leitura: Velha crise, novas alternativas* (pp. 61–79). Global.
- Duboc, Ana Paula M., & Souza, Lynn Menezes (2021). Delinking multiliteracies and the reimagining of literacy studies. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 21(2), 547–576.
<https://doi.org/10.1590/1984-6398202117998>
- Fanon, Franz (2020). *Pele negra, máscaras brancas* (Sebastião Nascimento, Trad.; Raquel Camargo, Col.). Ubu. (Original publicado em 1952)
- Freire, Paulo (1987). *Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra. (Original publicado em 1968)
- Heath, Shirley B. (1983). *Ways with words*. Cambridge University Press.
- hooks, bell (2017). *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade* (Marcelo B. Cipolla, Trad.). Martins Fontes. (Original publicado em 1994)
- Lopes, Luís Moita (1994). Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: A linguagem como condição e solução. *Delta: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 10(2), 329–338.
<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45412>

- Lüdke, Menga, & André, Marli (1986). *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas*. Editora Pedagógica e Universitária.
- Mignolo, Walter (2017a). Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 32(94), e329402. <https://doi.org/10.17666/329402/2017>
- Mignolo, Walter (2017b). Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do Sul*, 1(1), 12–32. <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>
- Ministério da Educação. (2018). *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>
- Neves, Cynthia Agra de Brito (2014). *A literatura no ensino médio: Os gêneros poéticos em travessia no Brasil e na França* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp. <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/932070>
- Neves, Cynthia Agra de Brito (2017). *Slams: Letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo*. *Revista Linha D'Água (online)*, 30(2), 92–112. <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v30i2p92-112>.
- Neves, Cynthia Agra de Brito (2021) Letramentos literários em travessias na Linguística Aplicada: ensino transgressor e aprendizagem subjetiva da literatura. In Érica Lima (Ed.), *Linguística aplicada na Unicamp: Travessias e perspectivas* (pp. 65–88). Canal 6.
- Oliveira, Luiz Fernandes, & Candau, Vera Ferrão (2010). Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educação em Revista*, 26(1), 15–40. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000100002>
- Quijano, Anibal (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In Edgardo Lander (Ed.), *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* (pp. 107–130). CLACSO.
- Souza, Ana Lúcia S. (2011). *Letramentos de reexistência: Poesia, grafite, música, dança: Hip-hop*. Parábola Editorial.
- Street, Brian V. (2014). *Letramentos sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação* (Marcos Bagno, Trad.). Parábola Editorial. (Original publicado em 1995)
- Walsh, Catherine (2009). Interculturalidad crítica y pedagogia de-colonial: Apuestas (des)de el in-surgir, re-existir e re-vivir. *Educação Online*, 4. <https://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/1802>